

## malatesta e a violência<sup>1</sup>

luce fabbri\*

É a primeira vez, creio, que a figura lendária do velho revolucionário italiano, morto em 1932 aos 79 anos, aparece num filme. Peter Lilienthal<sup>2</sup> a situa no pólo não violento de uma situação idealmente conflitiva, cujo pólo oposto é ocupado por terroristas letões, no ambiente multinacional dos refugiados, acolhidos pela ainda vitoriana Londres de 1910.

A exibição do filme na retrospectiva de Lilienthal programada pela Cinemateca (com o apêndice de uma apresentação privada que por gentileza do Instituto Goethe foi oferecida aos atrasados) proporciona a ocasião para evocar uma personalidade interessante, que tem contribuído para fazer história mais do que admitem manuais e enciclopédias.

Sua lenda surgiu no final do século XIX, mas sua vida, mesmo obstinadamente coerente, esteve sempre submersa em seu tempo, que, no final, já era tempo de aceleração de mudanças. Não sou imparcial ao falar dele, pois gostava muito dele, como se gosta de um bom avô.

\* Anarquista, escritora e historiadora. Filha de Luigi Fabbri, viveu em Montevídeu, Uruguai, de 1935 até sua morte em 2000.

Acredito ser meu dever fazer esta declaração logo de início, para prevenir o leitor. E devo confessar que este carinho me inibe, pois nunca gostei da hagiografia. Mas penso que o Malatesta simbólico do filme requer a terceira dimensão do Malatesta histórico, não para os amantes do cinema (uma criação artística deve bastar-se a si mesma), mas para os amantes da história.

### **Da República à Internacional**

Nascido no seio de uma família abastada do reino de Nápoles — mais precisamente em Santa Maria Capua Vetere — em 1853, isto é, sob essa dinastia Bourbon à qual restava sete anos de vida, cresceu na atmosfera ardente criada pela expedição de Garibaldi, que em 1860 produziu a união de todo o Sul ao reino da Itália. A expedição havia sido conduzida com entusiasmos republicanos e teve um desenlace monárquico. Errico, como grande parte da juventude de estudantes napolitanos, no marco dessa desilusão, começou como partidário de Mazzini, o grande republicano, apóstolo da Jovem Itália e da Jovem Europa, que tanto havia contribuído com o processo de independência e de unificação e o tinha visto terminar de forma tão oposta a seus ideais. Aos quatorze anos, Malatesta foi preso pela primeira vez por ter escrito uma carta, julgada ofensiva ao rei Victor Manuel II, mas em 1870 já estava afiliado à Primeira Internacional. Nunca quis ser um teórico. Costumava dizer que seus motivos eram absolutamente primários: combater a injustiça, contribuir para melhorar a situação dos que sofrem opressão e exploração. “Violaria todos os princípios, se fosse necessário, para salvar a vida de um só homem”, o ouvi dizer mais de uma vez. “O amor — escrevia em 1892 — é o fundo moral do nosso programa”<sup>3</sup>.

Identificada a causa do mal-estar social ao poder político do Estado e ao poder econômico do capital, pertenceu à ala bakuninista da Internacional (que, depois da dissolução, prevaleceu na Espanha e na Itália) e participou do trabalho conspiratório imposto ao novo movimento pelas perseguições.

### **No turbilhão da história menor**

Houve uma tentativa insurrecional em 1874, outra, limitada à região de Benevento, em 1877. Errico participou das duas, mas diria que na segunda desempenhou, junto com Cafiero e o russo Stepniak, um papel protagonista, se a característica dos participantes não tivesse sido, justamente, a de rejeitar todo protagonismo. Os processos que seguiram a estas tentativas revolucionárias foram outras tantas ocasiões para difundir os princípios da Internacional. O banco dos réus se transformava invariavelmente em tribuna. Como consequência do processo de 1875, alguns jurados inscreveram-se na Internacional e o advogado defensor de Malatesta em 1878, Saverio Merlino, também se deixou convencer pelos argumentos de seu defendido, e foi logo, por muitos anos, militante anarquista. (Mais tarde ingressou ao Partido Socialista, sustentando em seu seio uma posição não marxista que, através de novas edições de seus escritos, está suscitando interesse na Itália atual, meio século depois de sua morte).

Nos últimos trinta anos do século XIX encontramos Malatesta em qualquer ponto da Europa Ocidental no qual se estivesse preparando ou já tivesse eclodido um movimento emancipador, mesmo que sua finalidade não coincidissem totalmente com seus ideais. Em 1875, estourava uma revolta em Herzegovina (os Bálcãs contra a opressão turca); ele tentou juntar-se aos insurretos,

porém foi detido, à beira do Sava, pela polícia húngara, que o entregou à polícia italiana depois de mil peripécias. Pouco depois tentou chegar, com o mesmo objetivo, à Servia. Era o espírito de Garibaldi que fermentava na juventude revolucionária. Mais tarde, porém, Malatesta limitou sua ação ao campo social.

Em 1878, pouco depois do processo pela expedição de Benevento, é detido no Egito; deportado a Esmirna, foge e chega a Genebra, onde ajuda Kropotkin a publicar *Le Révolté*. Expulso da Suíça, vai à Romênia, mas em pouco tempo o encontramos em Paris como orador de rua. Expulso mais uma vez, vai à Bruxelas, de lá a Londres, e depois, clandestinamente, de novo a Paris, onde é detido por ter violado a expulsão. Só em Londres pôde, depois de tudo isto, morar alguns anos com relativa tranquilidade e continuidade. Este é só um exemplo do que foi sua agitadíssima vida, completamente impossível de sintetizar.

### **Momentos**

Certa vez fugiu escondido numa caixa, que o policial que o vigiava se ofereceu gentilmente a transportar. Outra vez, procurado, ocultou-se numa prisão de Nápoles, de cujo diretor fizera-se amigo numa detenção anterior.

Durante uma manifestação na qual ele figurava como orador, no norte da Itália, chegou uma companhia de carabinieri com o objetivo de interromper o evento na primeira palavra considerada subversiva: temeu-se um conflito. Mas ele falou, como napolitano que era, das condições de miséria em que se encontrava o sul da Itália, de onde procediam todos os carabinieri (e ainda procedem); o capitão teve que sair rapidamente com seus homens, com os olhos cheios de lágrimas.

Em 1884, sob liberdade condicional, organizou um grupo de companheiros de idéias para contribuir com o cuidado dos doentes de cólera, durante uma grave epidemia desta doença que se desencadeara em Nápoles. Enquanto ex-estudante de medicina, esteve no comando de toda uma seção, que foi a que obteve a maior porcentagem de cura. No término da epidemia, o atestado laudatório outorgado pelas autoridades sanitárias fôra rejeitado; ele publicou com seus companheiros um manifesto no qual afirmava que a causa da epidemia era a miséria. Logo em seguida teve que fugir da Itália, já que, enquanto isso, a Corte de Cassação falhara contra ele (era acusado de ter exaltado a Comuna de Paris em outro manifesto).

Em suas andanças, freqüentemente padeceu de fome e privações de toda espécie. Mas sempre pôde subsistir dando aulas particulares, ou graças ao ofício de eletricitista mecânico, que aprendera quando abandonou seus estudos de medicina para se tornar operário. Este foi sempre seu meio de vida, pois, quando seus pais morreram, destinou a totalidade do dinheiro herdado à divulgação de suas idéias, e doou, a seus inquilinos pobres, alguns imóveis que lhe teriam permitido viver comodamente.

### **Inconvenientes de ser um mito. O “Lênin da Itália”**

Por ter iniciado muito jovem a sua militância, viveu ativamente a transição entre os séculos XIX e XX, entre o surgimento do movimento socialista na Primeira Internacional e os movimentos de massa que, na Europa Ocidental, seguiram-se à Revolução Russa e à Primeira Guerra Mundial. Chegou, sem dúvida, ao auge de sua notoriedade quando, logo após a Guerra, voltou à Itália vindo de Londres — apesar da oposição do governo

italiano e, portanto, mais uma vez clandestinamente —, e foi aclamado por multidões exaltadas que o idealizavam, conhecendo apenas sua fama de lutador obstinado. A confusão entre o inconsistente revolucionarismo das massas, que o viram, por um momento, como o Lênin da Itália, e seu pragmatismo libertário e concreto, obrigara-o a perder tempo e energia numa cansativa luta contra seu próprio mito. Em cada discurso rejeitava, com o máximo de energia, as aclamações que tendiam a transformá-lo num chefe, numa tentativa de fugir do personalismo e suscitar a iniciativa criadora das bases sociais. Dirigiu, nesses agitados anos, o jornal anarquista *Umanità Nova*. Das suas colunas e da tribuna, esforçou-se inutilmente para que a retórica revolucionária se transformasse em ação construtiva. Nesse sentido, lutou desesperadamente para que a ocupação das fábricas pelos operários, que se produziu em toda a Itália em 1920, fosse permanente. O abandono das fábricas abriu as portas ao fascismo, que, em poucos anos, destruiu toda vida independente. Em 1926 foi publicado o último número da última publicação dirigida por Malatesta: a revista *Pensiero e Volontà*.

### **O pensamento**

O caráter distintivo de Malatesta no espectro das múltiplas tendências socialistas do fim do século foi a rejeição do determinismo difuso entre todas elas — inclusive as libertárias — graças ao cientificismo positivista e de uma interpretação primária do marxismo. As idéias de Malatesta foram voluntaristas, baseadas na reivindicação dos direitos dos trabalhadores do campo e da cidade, mas orientadas para uma sociedade centrada no homem enquanto tal em seus dois aspectos, individual e social, uma sociedade liberada da opressão econômi-

ca e política, cimentada nos dois valores fundamentais da liberdade e da solidariedade. Era partidário do “gradualismo revolucionário”, pois acreditava que a revolução não deve impor nada pela força, e, portanto, deve limitar-se às realizações que encontram o consentimento da maioria. Mas reivindicava para as minorias não só as liberdades clássicas, mas também a liberdade das realizações experimentais. Era, então, pluralista e partidário da tolerância para todas as formas de organização que não implicassem em imposição e exploração do trabalho alheio.

Concordava com a idéia de seu amigo Kropotkin (desenvolvida em seu conhecido livro *Apoio Mútuo*) de que há nos seres vivos um instinto solidário que não anula, mas que complementa a darwiniana “luta pela sobrevivência”. Mas não compartilhou o espontaneísmo kropotkiniano e estava convencido da necessidade da organização, tanto para os movimentos de reivindicação como para a sociedade futura. Por isso se manteve em constante, ainda que cordial, polêmica com as tendências individualistas, que negavam o Estado partindo de Stirner e Nietzsche. Era favorável ao movimento operário, mas não foi sindicalista, pois nunca considerou positivo o monopólio sindical da luta e da reconstrução. Seu ideal era uma sociedade organizada como federação coordenadora de autonomias, nos mais distintos âmbitos, sobre a base de uma propriedade social (não estatal) da terra e dos meios de produção.

Considerava a violência um fenômeno autoritário. Admitia e pregava a insurreição popular contra o Estado repressivo, por considerá-la legítima defesa, mas a limitava à ruptura das estruturas de exploração e de poder. Para as soluções reconstrutivas, confiava apenas no exemplo e na persuasão. Resolutamente contrário ao terrorismo (O terror foi sempre instrumento da tira-

nia), e ao ódio como motor revolucionário, afirmava: “Não sou vingadores ou justiceiros”.

O roubo na joalheria, tentado pelo grupo de letões que protagonizava o filme de Lilienthal e que acabou com a morte trágica de um dos líderes do grupo, deu-lhe motivo para escrever o artigo “Capitalistas e ladrões”, que o próprio filme cita no final. Nele, compara o roubo com a apropriação do trabalho alheio que caracteriza o capitalismo. Quase ao mesmo tempo, era publicado em *Pagine Libere* de Lugano (número de 1º de janeiro de 1911) um artigo do então socialista Benito Mussolini, que continha uma acalorada apologia dos terroristas tragicamente mortos em Londres e de seus métodos.

Encerro este rascunho com umas linhas escritas por Malatesta numa carta pessoal aos meus pais, no seu último ano de vida, sobre os sentimentos de justiça e amor como forças sociais.

“Justiça significa dar aos outros o equivalente daquilo que você recebe; significa *l'échange égal* de Proudhon, significa reciprocidade, proporção, e portanto, implica cálculo, medida... O amor, entretanto, dá tudo o que é possível e gostaria de dar cada vez mais, sem contar... Em economia, “dar a cada um segundo seu trabalho” seria justiça, “dar a cada um segundo suas necessidades” seria mais do que justiça.

Penso que no espírito humano existem dois sentimentos contrapostos: o sentimento de simpatia, de amor para os semelhantes, que é sempre fator de bem, e o sentimento de justiça, que é causa contínua de luta, pois cada um acha justo aquilo que lhe convém. Aquele que se apoderou da terra acha justo que aquele que dela queira tirar proveito lhe pague um tributo. O conquistador, já que teve a força e a habilidade de vencer, acha justo dominar o povo conquistado... O comunista autori-



tário e o fascista dirão, já que o indivíduo é um produto social, é justo que se submeta à Sociedade e ao Estado que pretende representá-la... Até o antropófago deve ter sentido, em sua turva consciência, que era justo matar e devorar seu inimigo vencido, já que este o teria devorado caso fosse o vencedor...”. Desta maneira justificava Malatesta sua afirmação, numa carta anterior, que meu pai objetara: “Nosso programa, baseando-se no amor, vai além da própria justiça”.

Ao escrever estas palavras, Errico Malatesta estava apenas com sua companheira e sua filha adotiva, vigiado dia e noite pela polícia de Mussolini, sem poder receber nenhum visitante, já que este seria imediatamente detido, com o único horizonte da morte próxima.

### **Nota**

<sup>1</sup> Luce Fabbri. “Errico Malatesta y la violencia”. *Jacques*, Montevideo, 1984, nº 39. Tradução de Natalia Montebello.

<sup>2</sup> A autora se refere ao filme *Malatesta*, de 1970, do diretor alemão Peter Lilienthal e escrito por ele, Michael Koser e Helthcote Williams (N. do E.).

<sup>3</sup> *En dehors*, Paris, 17/8/1892.

*Indicado para publicação em 11 de novembro de 2002, por  
sugestão de Margareth Rago.*